EMANCIPAÇÃO

ORGÃO DA LIGA DAS ARTES GRAFICAS E DO PROLETARIADO EM GERAL

N. 2 (DA 2ª EPOCA) | *Rio de Janeiro, 6 de abril 1905* | ANO II

Cooperativismo operario

E' muito curiosa e sintomatica a infantilidade que preside ao nosso movimento obreiro. Por mais que apuremos a vista não lhe enxergamos um só dos predicados que caracterizam as pessoas grandes de juizo: cautela, ponderação, analise, estudo. Tudo se faz nele atabalhoadamente, no ar, futilmente. E não sei si me dá vontade de rir, si de chorar, quando o vejo *resolver* do pé para a mão, da noite para o dia, sem debate, sem ruido, intrincados e carrancudos problemas cuja solução ha rezistido impassivel ás esforçadas e febris locubrações dos congressos operarios e dos mais adiantados e activos centros do movimento operario mundial.

Ora vejamos: qualquer individuo medianamente conhecedor da questão social, ou, com mais propriedade, da questão obreira, sabe perfeitamente que não ha assunto que mais esmerilhado e debatido tenha sido que o cooperativismo operario. Quer de producção, quer de consumo, milhares de cooperativas se acham fundadas e, tanto para averiguar e discutir as suas vantagens como para atestar a sua ineficacia e perniciosidade, outros tantas capitulos tem sido escriptos.

Pois bem! Neste nosso imenso centro operario é lançada a fundação de cooperativas sem que os individuos que a tamanha e tão melindrosa empreza se aventuram hajam tido a precaução, não já de estudar a questão do cooperativismo, mas nem siquer de passar pelos olhos um só volume da biblioteca que sobre o assunto ha sido escrita!

E' estraordinario; mas tambem é desanimador ver tanto atrazo e criancice num centro operario do tamanho do nosso. Porque agora mesmo, que após dois anos de doces ilusões e vãos sacrificios a Liga das Artes Graficas chegou á convicção cruel de que o seu sonhado «Estabelecimento Modelo», ou cooperativa de producção tipografica, não passa duma daquelas reivindicações que o Candidato costuma prometer um dia antes das eleições; agora, diziamos, que a Liga das Artes Graficas dá balanço aos prejuizos que o seu sonho cooperativista lhe causou — eis que surge a União dos Sapateiros com a mesma preocupação!

Mas, companheiros: não será psssivel fazer partilhar todos das lições que a realidade amarga trás a alguns? Para que hade, cada grupo por seu turno, ser victima das mesmas ilusões e dos mesmos erros, perdendo assim tempo precioso e sangue bemdito? Andem! Façamos destas colunas o veiculo para edificarmos juntos a obra que a todos interessa vitalmente.

— —

Quer de produção, quer de consumo, as cooperativas operarias precisam de ser analisadas sob dois aspectos distinctos: o aspecto revolucionario, libertario; e o aspecto conservador, reacionario.

Antes, porém, de entrar nestas analises, façamos breves considerações.

Suponhamos que a União dos Sapatetros, por ezemplo, consegue reunir os 100 contos necessarios á montagem da sua cooperativa. Observemos entretanto que 100 contos não é quantia lá muito facil de obter, ainda que num bom par de anos, entre gente que mal ganha o necessario para enganar o estomago. Mas dado, pois, esse facto, entra a cooperativa operaria em concurrencia com as casas congeneres pertencentes a gordos capitalistas, as quaes, além de terem a seu favor todas as vantagens que os colegas e o comercio em geral hão de negar á cooperativa, são «homens de negocio», isto é, possuem as qualidades indispensaveis para as boas «transações» — coisa que dificilmente se encontra nos operarios e que, em todo o caso, só com longa pratica póde vir. Atentem bem neste ponto, que é o que encerra a maior dificuldade, mesmo insuperavel, para as sociedades cooperativistas que teem em vista qualquer reforma social.

Mas, fundada que seja a cooperativa, eis a primeira dificuldade imediatamente palpavel que se lhe apresenta: poderá ela limitar-se a vender os seus productos na sua sède sómente, ou terá de recorrer ao comercio varejista para coloca-los?

No primeiro caso, e ainda que venda muito barato, a sua produção não poderá ser suficiente para cobrir as despezas causadas pelo funcionamento de uma fabrica com custosos maquinismos e pesadas licenças e alugueis, além de dar aos operarios que nela se ocupem um salario pelo menos igual ao das casas propriamente burguezas.

Na segunda hipotese, — e atendendo á guerra que as fabricas congeneres lhe hão de fazer, principalmente por ela visar fins «subversivos», taes como favorecer gréves—, receberia o comercio varejista os seus productos? Si não recebesse, estava a cooperativa arruinada; e, se recebesse, havia ela de sujeitar-se a todas as esplorações do mesmo comercio. E, nestes casos, o que ficava sendo a cooperativa? Simplesmente isto: uma fabrica a mais na capital; e portanto de nenhuma utilidade intrinseca para a classe dos sapateiros.

Mas, vamos ao que talvez a União dos Sapateiros julgue o principal: traria a cooperativa, nas condições descritas, qualquer lucro material aos seus accionistas, aos operarios que com os maiores sacrificios a haviam fundado?

Ainda que se me afigure estar vendo abrir mil bocas para responder que sim, peço venia para observar: não ha nada mais duvidoso que isso. Porque, não se esqueçam: o principal elemento de qualquer empreza industrial ou comercial, é ter á sua frente uma afinada alma de Mercurio, isto é, um «bom homem de negocios,»—um monstro frio e repelente que, na vida, só vê cifras, deve, haver e transações lucrativas — animal que é completamente incompativel com qualquer das nobres preocupações de reforma social que honram a classe dos sapateiros e a sua sociedade.

Qual seria, pois, o destino final da cooperativa? Só podia ser este — que foi o de tantas outras: — socumbir sob os elementos contra os quaes não podia resistir, ou converter-se numa empreza de todo

burgueza, de nenhuma vantagem para os operarios, e, o que é pior: radicalmente oposta aos desejos dos que se haviam por ela sacrificado.

Como este artigo já vai longo e muita coisa para dizer nos resta ainda, concluiremos no prossimo numero.

Carrard Auban

A guerra não só faz viuvas e orphãos mas tambem miseraveis. A paz armada produz a miseria moral e material de que soffre a nossa rudimentar civilisação. O militarismo é a chaga purulenta das sociedades modernas; é a prolongação do estado de selvagismo, o sustentaculo — com o aggravante terrivel de uma organisação admiravel — da grosseira barbaria dos povos primitivos. — *Carlos Richet.*

Os nossos algozes

Todos nós, os que nos julgando conscientes, trabalhamos para alcançar um pouco mais de bem estar, para que se nos diminua o peso da carga que nos parece excessiva, erramos e erramos imperdoavelmente quando attribuimos ao chefe e ao patrão a exclusiva responsabilidade dos males que nos affligem. Porque esses individuos são e não podem deixar de ser aquiillo que delles fez a educação e o meio, e ao praticar muitas vezes actos que se nos afiguram máos, elles o fazem na convicção de que exercem um direito e praticam o bem.

Podessemos nós, tivessemos nós coragem e meios para convencel-os de que os nossos interesses e os delles são communs, de que não queremos nem podemos por forma alguma tentar annullal-os, porque isso seria a nossa ruina immediata, de que as nossos condições economicas não nos proporcionam, como elles julgam, uma vida folgada, facil, cheia de attractivos, de que o trabalho como se pratica nas officinas não só nos é prejudicial a nós como a elles proprios, podessemos nós convencel-os disso e, parece-me, teriamos vencido pacificamente a mais rude das batalhas que temos a travar.

Não nos é possivel, porém, pelo menos por agora pensar em tal. Temos antes de combater e de vencer os verdadeiros culpados, os unicos responsaveis pelos males que soffremos, os nossos verdadeiros inimigos. Será brutal, terrivel essa lucta porque elles constituem legiões, as legiões dos nossos companheiros inconscientes e covardes, incapazes de um acto de solidariedade, compellidos por essa mesma covardia e inconsciencia á bajulação e á venalidade como unicos meios de alcançarem uma melhoria de condições a que nunca conseguirão attingir.

São elles os nossos verdadeiros algozes, sob cuja tutella vivemos, nós os que conscientes dos nossos direitos não os podemos conquistar, estando como estamos á mercê da maioria, que covardemente se proclama satisfeita emquanto sente e diz baixo, com medo de ser ouvida, aquillo mesmo que nós sentimos e temos a coragem de gritar.

Este é o problema maximo que nos deve preoccupar. Para resolvel-o devemos envidar todos os esforços e se tal não conseguimos estaremos irremediavelmente perdidos. Procurar todos os modos educar nos individuos que constituem essa maioria aquillo que é por assim dizer o *instincto* da solidariedade innato em todos os homens, parece-me um dos meios mais praticos de que nos podemos servir para conseguirmos o fim a que nos propomos. Não é, porém, o unico, nem tão pouco o mais efficaz. Esse fim alludido só o consiguiremos quando os tivermos arrancado á ignorancia em que jazem, unica geradora da inconsciencia e da covardia que os victima e que nos opprime.—A. B.

Evolução

Fui rócha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incognita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquissimo inimigo...

Rugi, féra talvez, buscando abrigo
Na caverna, que ensombra urze e giesta...
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paúl, glauco pascigo...

Hoje sou homem — e na sombra enorme
Vejo a meus pés a escada multiforme
Que desce em espirais na imensidade...

Interrogo o infinito, e ás vezes chóro...
Mas, estendendo as mãos no vacuo adoro
E aspiro unicamente á liberdade.

Antéro de Quental

Falta de logica

Apezar do muito que se tem escripto sobre logica e de não haver ninguem que não se considere logico — affirmação que como premissa não deixamos de fazer sempre que iniciamos qualquer discussão — é geralmente a falta de logica que contribue para o fracasso das melhores iniciativas, ou que faz com que ellas não dêm os resultados que, *segundo a logica*, della deveriamos esperar.

Assim, pois, é sempre a falta de logica que contribue para formar uma erronea concepção na maioria dos nossos companheiros, sobre o que devem fazer e como podem proceder as sociedades de resistencia (como por exemplo a nossa Liga) para que se tornem realidade as melhoras, que, ao se constituirem, tais sociedades se propõem realizar.

E' quasi sempre em consequencia de algumas das muitas injustiças a que estamos sujeitos nas officinas em que trabalhamos, que surge em nós o desejo — creado pela necessidade — de nos unirmos para pôr uma trava a tanta iniquidade.

A logica, pois, nos suggere, que com a união, isto é, o esforço de cada um combinado com o de todos, podemos mais facilmente conseguir que os nossos direitos sejam respeitados e ao mesmo tempo defender melhor os nossos interesses. Mas a logica deixa-nos bem depressa ou... deixamos nós bem depressa a logica. E, passados os primeiros periodos, que chamaremos *logisticos*, dá-se o seguinte: a maioria olvida a necessidade que motivou tal união e os raros que persistem, inscrevem-se e fundam a sociedade á qual dão o primeiro sopro vital — tal como fizera Deus ao primeiro homem, segundo a lenda christã — e em seguida se põem elles á espera do que ella saberá fazer e do que fará.

Nisto, vão pagando algumas mensalidades (mui-

to poucas); não assistem a nenhuma reunião (nem siquer áquella em que se discutem os estatutos ou se nomeia a commissão administrativa); não se preoccupam em estudar uma iniciativa qualquer; ou, pelo menos, discutir as que outros companheiros apresentam; não contribuem, emfim, em caisa alguma para a vida da instituição que fundaram com o proposito de fazer valer os seus direitos; e, alguns mezes depois, cheios de desalentos, chorando decepções, deixam completamente de pagar as mensalidades—a unica coisa com que contribuiam para a existencia da sociedade, e põem-se de novo á espera de que outra Liga surja, ou que a mesma que deixaram adquira mais incremento para tornarem a entrar com mais algumas mensalidades... e assim por diante, no eterno recomeçar, sempre clamando contra a Senhora sociedade, que lhe comeu alguns cobres e qua não soube fazer nada em favor dos seus direitos....

Outros ainda ha que sem nunca terem feito parte de sociedade de resistencie alguma, sem nunca se terem preocupado comsigo ou com sua classe ainda mesmo nos momentos em que as injustiças e as arbitrariedades mais duramente ferem ou a elles ou a seus companheiros e amigos: — clamam furiosos contra a falta de solidariedade, e, olhando para alguns daquelles que sabem partidarios da união dizem ou fazem-lhes por gestos entender — cheios de melancolia e sceptismo — que, se não seguem os seus conselhos é porque na classe não ha união, não ha solidariedade...

Oh! quanta falta de logica!

Uns clamam contra a Senhora sociedade porque ella nada poude fazer por elles — os socios — que não se importaram com ella e nada fizeram; outros clamam contra a falta de união e solidariedade, emquanto que elles, durante toda a vida, não procuraram senão impedir que ella se manifestasse.

Mas, oh! infelizes: vós não sabeis que a sociedade só fará o que vós fizerdes em seu nome porque sois vós que a constituis? Onde está, pois, a vossa logica?

Luis Malta

«Para nós, a palavra «emancipação» tem um sentido diverso, muito mais vasto e bem mais moral que o significado estreito e immoral que de má fé os nossos adversarios lhe querem dar. Para nós emancipação significa: — Reivindicação dos direitos abusivamente sonegados e contestados á maioria das creaturas humanas, através de todo um passado não glorioso, por parte da classe que sempre viveu do labor alheio, do sacrificio estranho, feito na officina, no campo de trabalho ou no campo de batalha. — *Ernestina Lesina.*»

Do inferno dos pobres é que se faz o paraizo dos ricos. — *V. Hugo.*

O dinheiro representa o trabalho. Sim, mas trabalho de quem? Na nossa sociedade é muito raro que o dinheiro seja producto do trabalho daquelle que o possue. Elle representa quasi sempre o trabalho passado ou presente de outros homens, os verdadeiros trabalhadores; representa o trabalho obrigatorio dos obreiros de hoje, trabalho que se lhes impõe pela violencia. — *L. Tolstoy.*

O suffragio universal

Uma unica cousa me assombra extraordinariamente: é que no momento scientifico em que escrevo, possa existir nesta querida França, (como dizem os das commissões eleitoraes) um só eleitor, esse animal irracional, inorganico, allucinado que consente em abandonar os seus affazeres, seus sonhos, seus gozos, para ir votar em algum ou em alguma cousa. Um só instante de reflexão sobre tão surprehendente phenomeno basta para transtornar a razão aos mais subtis philosophos.

Onde estão os Balzac que nos dêm a psychologia do eleitor moderno, e os Charcot que nos expliquem a anatomia e as condições mentaes desse demente incuravel? Aguardemol-os.

Comprehendo tudo, ainda o que pareça mais inverosimil. Que um deputado, porém, um senador, um presidente de Republica, um quem quer que seja entre os farçantes que reclamam qualquer funcção electiva, encontre um eleitor, o ser não sonhado, o martyr inconcebivel que os alimenta com o seu pão, os enriquece com o seu dinheiro sem outra perspectiva que a de receber em troca de suas prodigalidades, pescoções e pontapés no trazeiro ou até mesmo tiros no peito, — isso sobrepuja as noções já bastante pessimistas que eu havia formado da necessidade humana em geral e da franceza em particular — da nossa querida e immortal nesciedade, oh *chauvins!*

Deve-se entender que me refiro aqui ao eleitor desprevenido, theorico, ao que imagina — pobre diabo! — realizar um acto de cidadão livre, estabelecer a sua soberania, exprimir as suas opiniões, impôr — oh! loucura admiravel e turbadora! — os programmas politicos, as reivindicações sociaes, e não ao eleitor que conhece o myster e que delle se burla, áquelle que vê nos resultados da «sua omnipotencia» unicamente a comezaina com salsicha monarchica ou vinho republicano. Para esse a soberania consiste em grandes borracheiras á custa do suffragio universal e, convencido de que só isso lhe importa, com mais se não preoccupa. Sabe o que faz; e os outros?

Ah! sim, os outros, os austeros, o «povo soberano», aquelles que sentem assaltar-lhes uma doce embriaguez quando se contemplam e murmuram:

— «Sou eleitor! Nada se faz sem o meu concurso! Sou a base da sociedade moderna. E' por minha vontade que se fazem as leis a que estão sujeitos trinta e seis milhões de homens!»

Como póde ainda existir tal gente? Pois, por mais tolos, por mais vaidosos, por mais paradoxaes que sejam não estão ainda desenganados e envergonhados da sua obra? Então se encontra ainda sobre a face do planeta um pobre homem tão estupido, tão insensato, cuja cegueira impede de vêr as cousas mais claras, cuja surdez não o deixa ouvir o que se lhe diz — para votar neste ou naquelle, sem que nada o obrigue a tal, sem que se lhe pague ou se lhe satisfaça as suas necessidades?

A que sentimento estranho, a que mysteriosa suggestão obedece esse bipede pensante, dotado de vontade segundo pretende, que vai orgulhoso com o seu direito, seguro de que cumpre um dever, depositar numa urna eleitoral qualquer, uma cedula com um qualquer nome escripto? Que póde pensar que justifique ou explique siquer esse acto extravagante? Que é o que espera? Porque, emfim,

para consentir em impôr-se amos ominosos que o embruteçam e o explorem é preciso que elle espere alguma cousa de extraordinario de que nós nem siquer suspeitamos a existencia.

E' necessario que por um desequilibrio cerebral poderoso as ideias de deputado concordem nelle com as ideias de sciencia, de justiça, de abnegação, de trabalho e de propriedade; é preciso que nos simples nomes de Borbe e Boihaut, ou de Rouvier e Wilson encontre uma magia especial, e que veja através de uma nuvem chimerica florescer e abrir-se com Vergain e Hubbard as promessas de felicidade futura e immediato allivio. E istó é o que verdadeiramente espanta. Para elles nada prova contra as eleições—nem as mais burlescas comedias como as tragedias mais horriveis.

Observa-se em todos os tempos, estudando o desenvolvimento das sociedades, todos semelhantes entre si, um facto unico, que domina toda a historia: —a protecção dos grandes e a oppressão dos pequenos; e não se póde comprehender o eleitor que só tem uma razão de ser historica: — pagar uma porção de cousas que nunca disfructará e morrer por combinações politicas que absolutamente não lhe dizem respeito.

Que lhe importa que seja Pedro ou Anastacio o que lhe pede o dinheiro e lhe rouba a sua vida, uma vez que é obrigado a despojar-se desses bens?

Pois assim não é! Tem preferencias entre os seus ladrões e os seus verdugos e vota pelos mais rapaces e pelos mais ferozes. Votou hontem, votará amanhã e ha de votar sempre.

Os carneiros quando vão para o matadouro nada dizem, nada esperam, mas, ao menos, não votam no carniceiro que os deve matar, nem no burguez que os ha de comer.

Mais besta que as proprias bestas, mais burro que os proprios burros, o eleitor nomeia o seu carniceiro e elege o seu burguez.

E fez revoluções para conquistar este direito!

Octave Mirbeau.

(*Le Figaro*—28 de novembro de 1888.)

A lei transformou-se n'um punhal de dois gumes que tanto fére o innocente como o culpado. Dessa forma, aquillo que deveria ser a salvaguarda das nações converte-se, quasi sempre, n'uma calamidade publica que faz pensar que a melhor das legislações seria aquella que não existisse.—*Voltaire.*

A esmola

....

....

Affonso quiz tambem recitar um conto e, no meio da sala, tendo meditado alguns instantes, dise:

— Duro e aspero fôra o inverno para aquelle lar. A tuberculose minaz ia aos poucos inutilisando a filha do velho Firmino e lhe não permittia mais do que alguns minutos de parada ao sol, nos fundos da casita, perto de um laranjal copado, onde trinavam passaros alegres na festa gentil da procriação, na ventura de viver nos filhos, na primavera que se approximava.

Pela mesma porta haviam penetrado no misero albergue a tuberculose e a miseria.

Com a viuvez da filha, orphanados os netinhos, coincidira a dispensa do velho das officinas do Arsenal, por não pertencer ao quadro.

Acabrunhado pelos desgostos e vergado ao peso dos annos, torturado pela voz queixosa dos netinhos pedindo pão e pelas lagrimas da filha, rouca, tossindo de partir o coração, ia elle pelas ruas, pelas estradas, no firme proposito de pedir uma esmola e sem poder desempenhar aquelle papel de pedinte, elle que sempre fôra um eximio operario, um forte, um incançavel trabalhador e que, naquella idade, sem pão e sem lar, ouvindo o chorar dos netos, como um aguilhão, e a tosse da filha, como um tormento, quasi descalço magoando as plantas nas pedras dos caminhos; sentia-se humilhado e não sabia como começar.

Em um jardim bem tratado a cujo portão chegara, duas crianças brincavam, felizes e formosas. O velho ficou contemplando-as, enlevado na gentileza daquelles anjinhos bem cuidados e ricos, e lembrou-se dos seus netinhos que estavam morrendo de fome, tristes e esqualidos e que tinham como criaturas humanas o mesmo direito de viver e gozar.

De dentro do luxuoso chalet viram-no embevecido naquella contemplação e julgaram-no um réles gatuno.

Uma voz de mulher chamou as crianças e mandou ver se traziam comsigo os ricos adornos.

Do peito do velho irrompeu um grito de indignoção; elle protestou, justificou-se: não era um gatuno. Entretanto a mesma voz de mulher moça e má, feliz e indifferente pelas desgraças alheias, disse:

— Dá-lhe um nickel, F...

Uma moeda sibilando no ar cahiu no chão areiado do jardim.

O velho, chorando humilhado e corrido, aceitou a moeda infamante em nome dos netos famintos.

— Saia, vagabundo, gritou uma voz.

Firmino guardou a moeda no bolso do velho collete e sahio.

Cruel sensação de queimadura lhe causticava o peito. Quando longe, Firmino Antunes introduzio os dedos no bolso e para comprar um pão procurou a moeda assassina que lhe repousava sobre o coração, sentiu que alguma cousa humida ali estava banhando o nickel. Sangue lhe manchara as mãos e a moeda estava rubra. A esmola produzira uma ferida.

A esmola é assim.

Fabio Luz

(Do romance *Os Emancipados.*)

O Caminho *

CIDADÃOS, CAMARADAS:

Como ides ver, não vos achais diante dum orador, nem, muito menos, dum conferencista. Quem agora vos dirige a palavra é apenas um individuo que, vivendo numa época de balburdia, incerteza e iniquidade social, e surprendendo-se, além disso, membro daquela parte da humanidade que mais diretamente sofre os efeitos e os rigores de similhante estado de corrupção, foi, pela força das circumstancias, impelido a investigar das causas desse mal e a buscar-lhe cura ou linitivo.

(*) Trabalho lido pelo autor ante numerosa assembléa da Liga das Artes Graficas, a 23 de Outubro de 1904.

Chama-se a isto a luta das ideias e das opiniões. E esta luta, que na aparencia póde afigurar-se aos profanos um méro passatempo ou distração, não é, porém, na verdade, sinão uma modalidade da luta pela ezistencia, com todas e as mais refinadas das crueldades desta.

Mas nesta, como em todas as outras lutas, a natureza não armou igualmente a todos os homens. Si a uns deu ela o poder impolgante da prosa falada ou escrita, com que levam atraz de si inflamadas as multidões, não deu a outros sinão a impossibilidade de se conformarem com as ideias correntes e o impulso tenaz e irresistivel que os impéle para o combate, pela divulgação das ideias e doutrinas que julgam boas e justas. E' cruel, é terrivelmente tragico este contraste da natureza! Imaginai um gago metido nas engrenagens duma discussão casuistica : o homem, ante a esuberancia de palavra do adversario, que proclama falsos conceitos, com o cerebro pletorico de ideias e argumentos que lhe dariam o triunfo, em vão procura o termo preciso, a frase caracteristica que nunca vê afluir-lhe aos labios! Tal é a situação de muitos dos que se encontram nesta batalha das ideias! Tal é aproximadamente a minha situação. E agora já ficais sabendo o motivo porque, para dirigir-vos apenas algumas palavras, tive eu de recorrer a esta pobre arma : escreve-las trabalhosamente — porque nem isso me é muito facil — e vir ante vós declama-las!

Apezar disto, porém, aqueles dos presentes que precisarem de esplicações mais detalhadas sobre as questões que aqui vou agitar, podem pedi-las á vontade porque serão atendidos com prazer.

———

Muitos dos que agora me dais a honra de me ouvir, deveis, certamente, vos recordar de que na primeira reunião efétuada com o fim de fundar a atual Liga das Artes Graficas, em cuja séde nos encontramos, tive eu ocasião de aventar algumas proposições tendentes, todas elas, a dar á instituição que se ia fundar um cunho totalmente diverso do que tomou.

Não obstante, entretanto, as delicadas atenções que quer dor iniciadores, quer da assenbleia recebi, as minhas propostas todavia não puderam ser aceitas. E, ao sair dessa reunião, e após meditar bem o assunto, pude convencer-me finalmente de que me era absolutamente impossivel colaborar na obra empreendida : os seus iniciadores já tinham e não podiam deixar de ter, traçadas as suas bases fundamentais; e, sem duvida, não se deixariam facilmente conduzir a um campo de ideias radicalmente oposto como era aquele que me animava. A' vista disso, pois, e com grande pesar, me vi obrigado a ficar espectador ante similhante movimento.

Sucede, porém, que é decorrido mais de um ano e o vacuo duma instituição como aquela em que eu queria vasar a actual Liga das Artes Graficas se torna cada vez mais sentido. Pois o escôpo por mim prescrito a essa agremiação, que era : garantir ao individuo no trabalho — a saude, o salario e a dignidode — continúa, para nossa desgraça, inteiramente desprezado. E, si não queremos morrer á fome, proseguimos, no trabalho a imolar a saude, a dignidade e o salario — absolutamente presas da monstruosa desorganisação do trabalho, entregue, indefeso á ignorancia e ás manias dos patrões e, o que pior é — aos caprichos e mesquinharias dos chefes de oficinas.

Mas, deixai-me desde já obtemperar : esteril, injusto e contraproducente será invetivar o procedimento, quer duns, quer doutros. Porque a culpa de tudo isto reside principalmente na desorganisação do trabalho. E a sua organisação, beneficiando enormemente o operario, não benificia menos os patrões e chéfes. Assim, não se suponha que venho proclamar a guerra entre uns e outros : o que venho é, por uma boa compreensão dos interesses comuns, procurar estabelecer, a paz e a fraternidade entre todos.

Mas, como ia dizendo, ante a incompatibilidade de orientação entre mim e os iniciadores da Liga, fui obrigado a ficar arredado dessa iniciativa. Porém, como fossem varios os amigos e colegas a me manifestarem sua estranheza ante o fato de eu, teimóso ruminador da questão social, não fazer parte da associação do meu oficio, me vi obrigado a lhes espor os motivos que a isso me levavam, dando-lhes, ao mesmo tempo, ideia da instituição que reputo necessaria.

Ante tais esplicações, varios deles me lembraram a fundação duma sociedade vasada nos moldes por mim apontados. Porém, a Liga já existia. Dela faziam parte e por ela tinham gasto tempo e dinheiro numerosos colegas valorosos, cheios de boa vontade e boas intenções que era preciso não desgostar e cujo colaboração obter para a nova instituição.

Pensei bastante sobre a questão; e, algum tempo decorreu. Finalmente decidi-me. Resolvi vir aqui efetuar esta conferencia, ou que melhor nome tenha, e espor publicamente o que, no meu entender e para corresponder ás necessidades mais urgentes da classe, tornando-se no seu seio um organismo vivo e pujante, a Liga das Artes Graficas deve tomar.

(*A seguir.*)

Mota Assunção.

Quando encontrardes um homem em caminho do presidio ou do cadafalso não vós apresseis em dizer : — «E' um miseravel que commetteu um crime contra os homens», porque pode ser, como succede frequentemente, um homem de bem que quiz servir aos demais homens e que por isso é castigado pelos oppressores. —*Lamennais.*

Instruí!

A praça está deserta. A noite é fria como o gelo. E, emquanto as begonias dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme nas pedras da calçada.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmola e á noite exije-a. A' hora da missa encontra-se á porta das igrejas e é mendigo; á hora do crime encontra-se á esquina das vielas, e é ladrão. De dia traz muletas ; de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada num farrapo. Caiu ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascando pragas.

Donde veiu esse homem? Da prostituição, do lodo anonimo. Entrou na vida pelo postigo de uma roda e ha de sair da vida pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu dum ventre como o sapo dum esgoto.

A mãi quando o deu á luz, não viu o fruto do seu amor ; viu a prova do seu crime. Esconde-o no misterio como o assassino esconde a sua victima.

E o pai? Seria um... ou um condenado de galés? E' indiferente. Em ambos os casos um bandido.

E, de resto, que lhe importa a ele ! E' um fruto do chão, um fruto podre. Saiu do estrume e vae para a fossa.

Aos dez anos conhecia todos os vicios e ignorava todas as virtudes. Na época em que as crianças roubam ninhos, ele roubava relogios. Precocidade.

Quando as outras são anjos, já ele era gatuno. Na idade em que se aprende a ler, ele aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analfabetos, como os morcegos e os chacaes buscam os subterraneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte quatro letras do abecedario do que em todas as constelações do firmamento.

Não teve mãi, não teve pai, não teve berço e não teve escola. Germina como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada de miseria tem destas gerações espontaneas !

Aos quinze anos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras, tirava libras das gavetas. Ao principio entrava pelas portas,depois chegou a entrar pelos telhados.

Progrediu por tal modo, que na idade em que se recebe na igreja a primeira comunhão, ele recebia no tribunal a primeira sentença. Seis anos de cadeia: uma formatura em ladroajem. Quando entrou levava uma gazua, quando saiu trousse uma navalha. Foi rapazola e veiu tigre. A cadeia enguliu um malandro e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e leccionou-o na facada.

Dahi em diante distribuiu o seu tempo deste modo : tres anos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sai muitas vezes duma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa ! ! combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se á indigencia, *delirium tremens*. Naquele cerebro de perversidade passa um terremoto de loucura.

Por fim ali o tendes. E amanhã a estas horas, quem sabe ! estará talvez numa guilhotina, dentro de uma cova, ou no fundo dum rio. O cutelo, a miseria e o suicidio disputam-no entre si : tres abutres á espera dum cadaver.

Filantropos sociaes, respondei-me a isto. As vossas estatisticas dizem — a instrucção diminue a perversão : quer dizer, o alfabeto diminue o crime, que é uma doença da alma como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamento um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas do espirito como os arvoredos os miasmas dos pantanos. No homem ha duas cousas — o instincto, que é um cégo, e a conciencia que é um faról. As conciencias são as sentinelas dos instinctos. A razão é a domadora dos apetites. Como se faz a separação ? Iluminando as ruas ? não, iluminando os cerebros. A grilheta castiga os assassinos, mas não resuscita os assassinados. Não indemnisa, vinga.

....

Si a sociedade tivesse fornecido um *a b c* ao ignorante e um oficio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria, não reproduziria este resultado — o crime.

....

Guerra Junqueiro

Gorki

Já agora, depois dos ultimos sucessos da Russia, a ninguem é dado desconhecer o grande pensador e o sublime artista que, nesse arranco supremo e heroico do povo contra a tirania, surgiu entre os rebelados como um faról divino—Macsimo Gorki.

Pena é que os seus eloquentes e profundos contos e novelas se não achem ainda em portuguez para que todo os nossas leitores pudessem admirar as producções do grande genio; entretanto, como já fizemos na nossa passada edição, continuaremos a traduzir alguns fragmentos dos seus belos trabalhos afim de preencher essa lacuna. Mas o que motivou estas linhas foi o facto, hoje de todos conhecido e por todos pranteado : o grande coração e o grande cerebro que o mundo inteiro admira e venera, vai ser entregue á mais horrivel das mortes: Gorki vai ser condenado a apodrecer na Siberia, a *Casa dos mortos*, na fraze de Dostoievsky.

Como teem dito os telegramas da imprensa diaria, logo em seguida á prisão de Gorki se produziu por todo mundo pensante um grande movimento de almas generosas que, afflictissimas e aterrados com a provavel sorte do pensador e artista russo, enviaram ao Tzar petições com milhares de assignaturas veneraveis onde se pedia clemencia para o sublime rebelado — pois, no primeiro momento, todos pensaram que ele seria condenado a mórte.

Os nossos camaradas de Portugal tambem mandaram ao Tsar uma petição, que fazemos nossa; porém, como o caso ezigia — pois o anacronico Pontifice russo é sempre inecsoravel para com as suas presas — essa potição é belamente sarcastica e ironica. Ei-la :

«Senhor:

Considerando que a obra de Macsimo Gorki rebeliou já o vosso Imperio e escancelou o vosso trono, cumprindo assim a sua missão de homem e de escritor ;

Considerando que similhante homem já não faz falta nenhuma, porque de cada palavra dele nasceu uma centena de revoltados dentre os vossos (?) milhões de escravos ;

Considerando que a morte de um homem como Gorki é absolutamedte indiferente, porquanto o seu cadaver aparecerá, incorrupto, no Panteon da Humanidade ;

Considerando que Gorki adquiriu o direito de morrer sem que o deshonrem, ajoelhando-o aos vossos pés, com pedidos de perdão ;

Considerando que Trepoff pode fazer da cabeça de Gorki um poderoso faról para guiar a esteira dos que vogam para a Liberdade ;

Considerando, emfim, que V. M. Imperial está muito habituada a matar e nós nada acostumados a pedir perdões a tronos, vimos rogár a V. M. que se digne mandar assassinar o escriptor russo Macsimo Gorki, preso ás ordens do Tzar de Todas as Russias.

Deus guarde a Vossa Magestade até o dia em que a Russia, tornada uma comuna, puder iluminar a treva da barbaria Imperial.

Portugal, na era dos assassinatos perpetrado em toda a Russia pelos esbirros de Nicolau II. — *Joaquim Leitão. — Cristiano de Carvalho.*»

Seguem-se outras assinaturas cujo elevados numero nos impede de transcrever.

O dia de 8 horas

PORQUE SE FIXA O MAXIMO DO DIA DE TRABALHO EM 8 HORAS?

1º Porque nenhum homem—(levando em conta o seu vigor médio e reconhecendo aos fracos o mesmo direito á vida que teem os fortes) — póde resistir a maior numero de horas de trabalho sem prejudicar a saude, a intelligencia e consequentemente a propria felicidade;

2º Porque as descobertas modernos em chimica e em mechanica supprimen a necessidade de exigir-se daquelles que trabalham um maior esforço physico;

3º Porque 8 horas de labor e uma boa organisação pódem criar a superabundancia de trabalho para todos;

4º Porque ninguem tem o direito de exigir de seus semelhantes maior esforço do que o em geral necessario á sociedade, com o unico fim de se enriquecer,fazendo por essa forma uma multidão de miseraveis;

5º Porque o verdadeiro interesse de cada um é que todos os seres humanos sejam sãos e intelligentes afim de viverem contentes e felizes.

Robert Owen

(Do *Cathecismo* 1816).

No regimen da propriedade e do salario, as novas descobertas industriaes, longe de augmentar o bem estar do trabalhador, tornam o seu trabalho mais brutal, a sua escravidão mais dura, a falta de trabalho mais frequente, as crises mais agudas. O unico que dellas se aproveita é aquelle que já possue todos os gozos da terra — o Capitalista. — *P. Kropotkine.*

O trabalho manual

....

Estou convencido de que todos devem ganhar a vida por meio de um trabalho manual, qualquer que elle seja, e esta minha convicção, tanto mais cresce quanto mais comprehendo o grande valor de tal especie de trabalho. Nada me faz soffrer tanto como o facto de me não poder dedicar a elle sufficientemente. São muitos os motivos que m'o impedem; não os innumerarei. Desgraçadamente, porém, a principal causa é a minha fraqueza physica.

Nunca me poderei persuadir de que o simples facto de escrever alguns livros me exhima do dever do trabalho manual. Pelo contrario. Assim como sinto a necessidade absoluta de lêr as obras que emanam de uma outra penna que não a minha, tambem reconheço ao homem que trabalha materialmente essa mesma necessidade. Quantos milhares de homens poderiam escrever melhor do que eu escrevo, se não estivessem opprimidos pelo jugo embrutecedor de um trabalho material jámais interrompido.

....

Não deveria ser permittido a quem quer que fosse o gozo da vida, á custa do trabalho que se impõe a outrem.

....

De todos os trabalhos é o trabalho manual aquelle que constitue a prova certa da igualdade entre os homens, pondo-nos em contacto directo com os trabalhadores, dos quaes nos separa um muro espesso: — o facto de, vivendo como vivemos á custa delles, empedil-os de satisfazerem as suas aspirações mais elevadas. Além de tudo o trabalho manual nos proporciona a mais intensa felicidade que se póde conceber: — *uma consciencia tranquilla*, felicidade a que não podem aspirar aquelles que vivem da exploração de seus semelhantes.

Leão Tolstoi

As cleições! O suffragio universal puro e simples! Depois de tantos seculos de uma lenta educação da humanidade selvagem, voltar á barbaria do numero, á victoria da imbecilidade da multidão — é espantoso. — *Journal des Goucourts.*

O alcool

E' ainda infelizmente o alcoolismo uma das pragas mais perniciosas que affiigem a classe trabalhadora e que traz comsigo um grande numero de molestias, entre as quaes avulta a tuberculose.

Um medico europeu acaba de realisar uma série de experiencias interessantissimas que provam a influencia do alcoolismo dos pais sobre a saude dos filhos. Essas experiencias foram realisadas entre 659 familias, cujos membros foram classificados pela seguinte forma:

A. — 183 que não bebiam;

B. — 240 bebedores moderados, menos de um litro de vinho por dia;

C. — 133 bebedores immoderados, mais de um litro;

D. — 103 bebedos contumazes.

Os casos de tuberculose e de perturbação nervosa entre pais e filhos attinge á seguinte porcentagem:

TUBERCULOSE

	A	B	C	D
Pais.......	4,3	5,8	10,	13,6
Filhos......	14,8	14,0	22,2	29,3

PERTURBAÇÕES NERVOSAS

	A	B	C	D
Pais........	1,1	2,5	2,3	2,7
Filhos.......	7,9	13,6	17,2	24,2

As taras, como se vê, accentuam-se nitidamente de um para outro grupo.

Estão portanto com a verdade os que affirmam que combater o alcoolismo é a melhor maneira de combater a tuberculose.

Muito ainda tem a fazer os propagandistas da lucta contra o alcoolismo para destruir o flagello.

Em nome da vossa saude e no da saude de vossos filhos, trabalhadores, não bebais mais o alcool!

Abaixo o alcoolismo!

A revolução burgueza

Sente-se uma satisfação meramente philosophica pensando que a revolucão do seculo passado fez-se em beneficio dos conquistadores das riquezas publicas e que a declaração dos direitos do homem transformou-se no diploma dos proprietarios.

Aquelle Panquet que trazia a Paris as mais bellas raparigas da Opera, não era cavalheiro de S. Luiz. Hoje, porém, está nomeado commendador da Legião de Honra e os ministros da finança vão receber as suas ordens. Elle gosa a voluptuosidade do dinheiro e recebe as suas honras. O dinheiro tornou-se titulo honorifico. E' a unica nobreza que resta. E nós destruimos os previlegios aristocraticos afim de substituil-os por esta nova nobreza—a mais oppressiva, a mais insolente e a mais prepotente de todas.

Anatole France

A' gente nova

III

« — Ou tranzigir continuadamente com a propria consciencia e acabar um dia por dizer : «Aconteça o que acontecer, o que eu quero é gozar todos os meus prazeres e aproveitar-me de que o povo seja tolo para me deixar gozal-os.» Ou então arranchar com os socialistas e trabalhar com elles na transformação completa da sociedade.»

Tal é a consequencia forçada da analise que temos feito até aqui. Tal será sempre a conclusão logica a que todo o ser intelligente chegará,desde que honestamente raciocine, liberto dos sofismas que a educação burgueza lhe ensinou. Adquirida esta convicção, a resposta á pergunta «que fazer ?» impõe-se ao espirito. E' facil responder. Sómente sahi do meio aonde estaes e aonde é costume dizer-se que o povo é uma sucia de brutos, vinde, pois, para elle – e essa resposta surgirá por si. Vereis que por toda a parte, em França como na Allemanha, na Italia como nos Estados-Unidos, por toda a parte onde ha privilegiados e opprimidos, se opéra no seio do povo um trabalho gigantesco, cujo fim é destruir para sempre as servidões impostas pelo feudalismo capitalista, e lançar os fundamentos duma sociedade nova, estabelecida em bases de igualdade e justiça.

Não basta o povo de hoje exhalar seus queixumes por uma das canções cuja melodia vos fazia chorar, que os servos do seculo dezoito cantavam e que ainda hoje canta o camponez slavo; o povo trabalha com consciencia contra todos os obtaculos, para obter a sua redenção. Revolve no pensamento os meios de tornar a vida alguma coisa de melhor que a maldição que hoje é para tres quartos da humanidade, tornando-a a felicidade para todos. Aborda os problemas mais arduos da sociologia e busca resolvel-os com o seu bom senso, o seu espirito de observação, a sua cruel experiencia. Para se entender com outros miseraveis como elle, agrupa-se, e organisa-se. Constitue-se em sociedades penosamente sustentadas por meio de cotisaçõesinhas; faz por se ouvir por cima das fronteiras e, melhor do que os filantropos retoricos, prepara os dias em que as guerras entre povos serão impossiveis. Para saber o que fazem seus irmãos, para os conhecer melhor, para elaborar ideias e propagal-as, elle mantem – mas á custa de quantos sacrificios, de quantas privações ! — a sua imprensa operaria.

Que série continua de esforços ! Que luta incessante ! Que trabalho,constantemente recomeçado, já para encher os logares dos que desertaram por cansoço ou por corrupção, já para reconstituir as fileiras dizimadas pela fuzilaria ! Esses jornaes são criados por homens que tiveram de roubar á sociedade migalhas de instrucção, privando-se do pão e do somno; a agitação é mantida por poucos cobres, tirados ao estrictamente necessario, muitas vezes ao pão negro; e,tudo isto, debaixo da appreensão constante de vêr um dia a familia reduzida á miseria, se o patrão se apercebe de que o «seu operario» trabalha pelo socialismo !

Eis o que vereis, vindo até o povo.

(A seguir.)

Pedro Kropotkine

Factos & Comentarios

As «beneficentes»—A preciosa atenção dos nossos colegas graficos ainda continúa a ser monopolisada toda pelas associações beneficentes dos empregados dos diversos diarios.

Tivemos de occupar-nos, na nossa ultima edição, dos lamentaveis factos que numa dessas sociedades motivaram a injusta demissão dum nosso camarada e a prisão e processo bem triste de outro colega grafico. Agora acabamos de receber longa carta do companheiro Olavo de Albuquerque, na qual protesta contra o que ele chama «vingança» que lhe está fazendo a directoria da Caixa B. dos E. d'*O Paiz;* pois, achando-se aquele amigo gravemente enfermo, e tendo requerido a esta sociedade a beneficencia que lhe é devida, segundo ele diz e demonstra por citações de artigos do estatuto respectivo, até agora não foi atendido.

Não publicamos na integra a carta do nosso prezado colega, apesar do muito que lhe desejamos ser agradavel, por dois motivos capitaes com que o seu bom criterio deve concordar: 1°, porque na sua carta ha referencias tanto ou quanto pessoaes, nas quaes não podemos tomar parte, pois nós queremos que a *Emancipação* seja um veiculo de fraternidade e de união; 2°, porque tambem não temos espaço para averiguar da legalidade da bedeficencia requerida.

O que, porém, nos parece evidente é que se a sociedade procedesse com a justiça devida, aquele nosso colega não faria essa reclamação. Mas emfim, repetimos: não podemos entrar nessas apreciações de ordem *juridica*...

Mas vamos ao que a carta de Olavo de Albuquerque tem de essencial com relação a natureza por nós condenada desta especie de associações beneficentes.

Diz o reclamante que ninguem póde protestar contra as arbitrariedades da direcção da sociedade porque o chefe da oficina se opõe a isso, ameaçando com a Rua — como certos delegados de policia fazem com o xadrez ao preso que lhes chama a atenção para o Codigo Penal, — a quantos se manifestarem contra a injustiça perpetrada. Nós não nos admiramos disso porque estamos fartos de saber que é

esse o caracteristico de tais associações. E repetimos: igualmente, justiça justa, só entre iguaes economicamente.

— Os nossos colegas do *Jornal do Brazil* tambem andam ás voltas com a sua beneficente. Querem agora que na dita prepondere — como é de justiça — a parte de socios mais numerosa: a dos tipografos. Mas olhem lá: conhecem a fabula do lobo e do cordeiro? Pois é esse o codigo, tenham cautela.

Associação Typographica Fluminense — Communicou-nos esta sympathica associação a eleição e posse de sua nova directoria que ficou assim constituida:

Presidente A. Cesar Tupinambá; vice-presidente Antonio A. Oliveira; 1º secretario, A. A. Boaventura; 2º secretario, Concordio A. Pitta; thesoureiro A. Venancio Gonçalves; procurador Antonio J. Castilho; commissão hospitaleira: Nicolau F. Malheiros, Alfredo L. da Silva, João Vianna, Amaro Laffite, Sebastião Maciel e Antonio J. Castilho Junior; commissão de contas: Manuel Francisco da Trindade, Elisiario Alvares da Silva Freire e José Q. dos Santos.

Com essa communicação enviou-nos tambem a Typographica o relatorio do anno social que findou.

Centro Proctetor dos Operarios em Pernambuco — Esta associação communicou-nos a posse da nova directoria que deve funccionar no anno corrente.

Centro União dos Marmoristas — Com alguma concurrencia, efetuou-se nesta sociedade, a 26 do mez findo, a 4ª conferencia de propaganda societaria das iniciadas pela Federação das Associações de Classe.

Usou em primeiro lugar da palavra o companheiro Melchior, que falou sobre os motivos que levava a federação a iniciar taes conferencias. Seguiu-se o nosso representante, que historiou a origem do actual movimento operario e do industrialismo moderno. Falou depois o companheiro Romero, que disse sobre a injustiça da propriedade privada. Os companheiros Domingues, Corrales, Moreira e outro cujo nome nos escapou tambem dissertaram encarecendo a necessidade dos operarios tomarem parte no movimento de emancipação que hoje se opera por toda a parte.

E' este o caminho que devem seguir as outras associações obreiras: só assim preencherão seus fins.

1º de Maio — Para tratar do modo porque hade ser celebrada esta data, a Federação das Associações de Classe convocou para o dia 6 do corrente uma reunião para a qual foram convidadas todas as sociedades operarias.

Ao que consta não será repetida a palhaçada com bandas marciaes que presenciamos os anos anteriores nas ruas desta cidade; pois, parece estar assentado que as associações se reunirão numa praça, seguindo depois para um teatro onde será efetuado um comicio de propaganda.

Associação de Classe dos Operarios em Pedreiras — Esta associação realizou no dia 26 do passado, para inauguração do seu pavilhão, a sessão solemne que havia annunciado.

A' hora aprazada, composta a mesa pelos companheiros Jesus Garrido e Domingos Pereira Maia de Carvalho, o presidente da assembléa, o companheiro Fernando Freigeiro, declarou aberta a sessão.

Usaram então da palavra os companheiros seguintes: José Hermes de Olinda Costa, pelo Centro Operario de Pernambuco; Alfredo Ovidio pelo Centro Internacional dos Pintores; Belisario de Souza, pela Associação de Resistencia dos Carvoeiros; João Benevenuto, pela Associação dos Carpinteiros, seguindo-se-lhes os nossos representantes e companheiro Caralampio Trilles, que conseguio arrancar dos assistentes os mais calorosos applausos pela correcção com que doutrinou as modernas idéas.

Grève — Os nossos companheiros sapateiros que trabalham na fabrica «Brazileira» acham-se desde o dia 27 do mez findo em parede para protestar contra o abatimento que ali lhes fizeram na tabela dos preços.

A União dos Sapateiros, em varias reuniões, resolveu apoiar com todas as suas forças a atitude daqueles nossos companheiros, visto tratar-se de uma traição por parte dos Srs. Pinheiro Filho & C., proprietarios da mesma fabrica; pois a antiga tabela, agora revogada pelos industriaes em questão, era o resultado de um acordo anteriormente celebrado entre os mesmos e a União dos Sapateiros.

Não estejam os operarios de atalaia constante, fiando-se na palavra dos patrões e verão o que lhes sucede.

Comicio pró-revolucionario — O *comité* pro-revolucionarios russos, reunido no dia 27 do passado, resolveu realizar no dia 9, no largo de São Domingos, um comicio popular em signal de sympathia aos operarios russos.

Será publicado tambem um manifesto dirigido ao operariado universal pelo operariado russo, podendo todas as adhesões de operarios e associações operarias ser dirigidas para a rua Senhor dos Passos n. 82.

PARECER

De accordo com a nossa lei basica damos hoje cumprimento ao nosso mandato, depois de uma verificação cuidadosa nas contas e balanço geral do exercicio findo, affecto ao nosso exame; excluidos pequenos senões que em nada alteram a essencia das cifras que estão de accordo com os competentes livros, notamos o apurado tino e zelo, não só na confecção do balanço, como na ordem que, dado os casos excepcionaes communs em quasi todas as associações de classe, não se verifica em livros de entradas de socios propostos e quites.

Era nosso desejo affectar a vossa soberana decisão medidas attinentes a simplificar até hoje seguido, quer quanto ao modo porque é feita a cobrança, como tambem a pessima feitura que têm os talões de mensalidades que não só difficultam ao Sr. thesoureiro como a propria commissão, que, por melhor boa vontade, sente-se emaranhada, quando tem de dar qualquer parecer; como porém, constou-nos figurar no relatorio do Presidente uma proposta concernente á reforma dos nossos Estatutos, aguardamos seja a mesma levada a effeito para por occasião da sua discussão fazer a nossa, com referencia as medidas já cogitadas.

Ao concluirmos, é com desvanecimento que desejamos, seja dado ao Sr. Rozendo dos Santos, thesoureiro, um voto de louvor pelo muito que tem feito em prol da existencia da nossa novel Associação.

A vista do exposto a Commissão abaixo pede a approvação do balanço geral do exercicio findo.

Luiz Lucas dos Santos, relator.
João Rodrigues Sandes.
Manoel do Couto Nogueira.

A administração desta revista roga ás sociedades operarias o obsequio de destacarem esta pagina e a aficsarem em lgoar visivel das suas sédes, afim de poder ser lida por todos os companheiros. Muito grata ficará tambem esta administração áquel'es camaradas que, do mesmo modo, a colocarem nas oficinas ou fabricas em que trabalham.